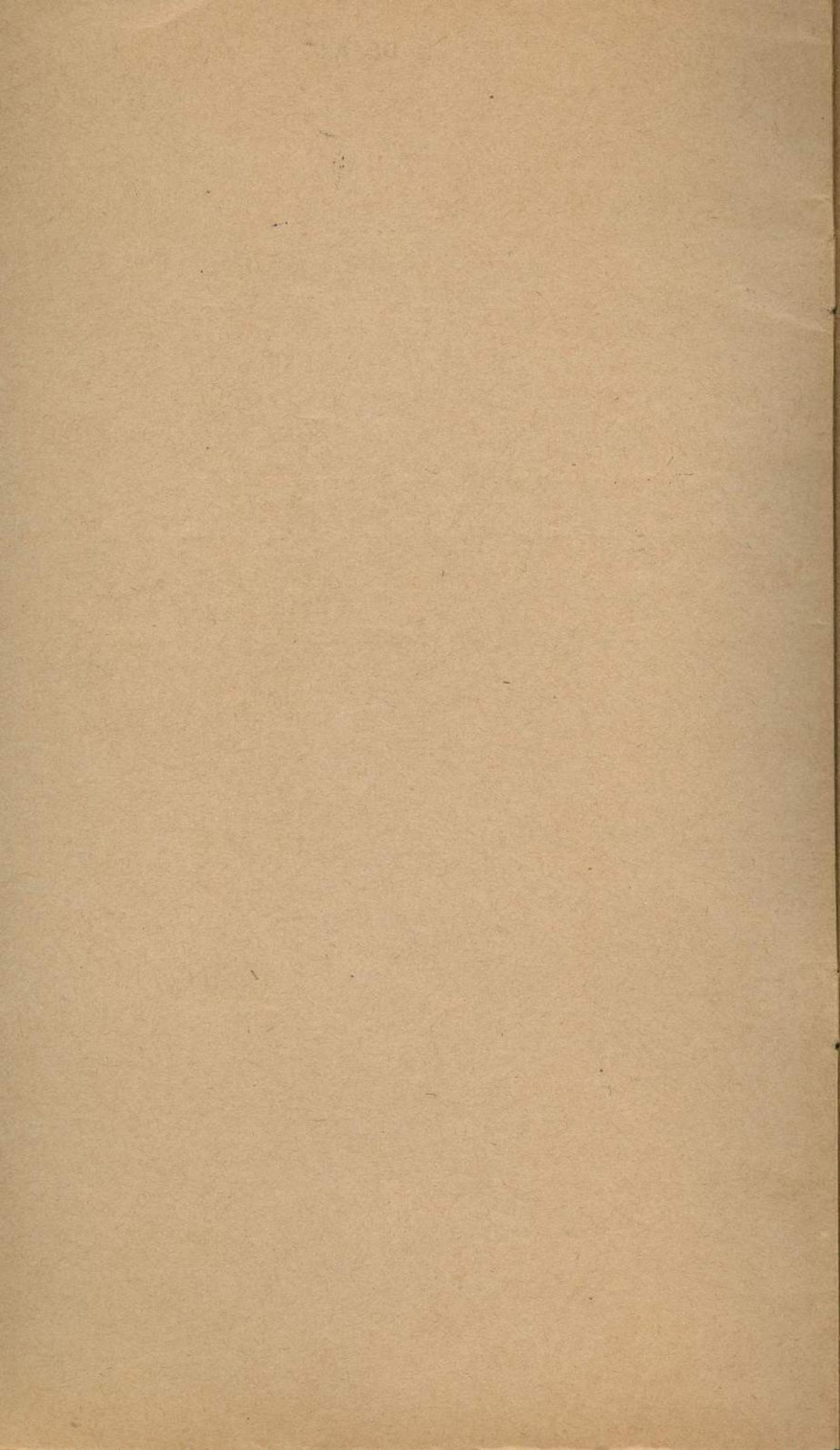


SERVULO ESMERALDO  
SERVESME



MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE  
DO CEARÁ



têmperas

e

afrêscos

de

SÉRVULO ESMERALDO

15 março 1962

Fortaleza Brasil



## LOUVAÇÃO AO MESTRE — GRA- VADOR SÉRVULO ESMERALDO

Primeiro foi no Crato, êle menino, eu rapazote, ambos amando a cidade que naquêlo tempo era para nós a capital do mundo. Crescemos os dois à margem do Batateiras, riozinho sem grande significação mas, de qualquer modo um rio, apesar de ficar sêco a maior parte do ano. Se juntos não estivemos na rua da Valã, que durante muitos anos foi o meu reino, impregnamo-nos da mesma paisagem — a serra circundando a cidade, as árvores sempre verdes enchendo-nos as almas de esperança, os longos crepúsculos e as madrugadas frias, os cantos das aves que ainda hoje não saem dos nossos ouvidos e dos nossos espíritos, tornando-nos sentimentais e, sobretudo, humanos.

Já nesse tempo andava êle às voltas com pedaços de madeira, fazendo "coisas". Essas eram admiradas pelos mais velhos, mas admiradas superficialmente, apenas motivando frases como "êsse menino é um danado". Isso pode ser pouco hoje, mas naquele tempo era muito. Danado tanto podia significar endiabrado como inteligente, esperto, audacioso, talentoso. Creio que para êle o melhor significado era o último.

Depois foi em Fortaleza — juntos trabalhamos por mais de dois anos, em uma tipografia onde se pensava em tudo, menos em ganhar dinheiro. A tipografia também não precisava disso, porque era de uma instituição cultural e o reino da cultura é bem diferente dêsse pobre reino material do mundo em que vivemos. Então a sua danação se mostrou mais acentuada — agora o desenho o absorvia, vivia cercado de artistas locais e dava mais atenção à sua arte do que mesmo ao trabalho da tipografia. Quan-

tas vêzes os fregueses ficavam esperando por uma informação sôbre impressos enquanto êle discutia técnicas de xilogravura com os seus colegas artistas! Os sábios da instituição proprietária da tipografia passavam pelo rapaz e balançavam a cabeça — aquêlê gesto tanto podia ser uma desaprovação pela perda de tempo do môço como uma aprovação velada às suas tendências. Eu tomava a cousa como uma aprovação — e quando dava em mim estava também discutindo assuntos de xilogravura, enquanto os freguêses continuavam a esperar, pacientemente, pelas informações a respeito dos impressos que lhes interessavam.

Foi nessa época que seu nome surgiu como artista — expôs em salões locais, recebeu prêmios, teve críticas acerbas. Já se notava que pelo menos persistência êle tinha — se desde pequeno vivia às voltas com aquilo e ainda não desanimara! Pelo contrário, em vez de recuar ante o impacto da realidade o que êle fêz foi sonhar com outros horizontes — e um dia, depois de vários meses ausente, ao voltar de uma longa viagem, encontrei-o de malas arrumadas para S. Paulo, onde se instalou, começou a realizar-se, passou a viver plenamente a vida que queria.

Viver plenamente? Não, ainda não. Pois de S. Paulo um dia me falou que desejava ir para a França — e depois de trocas de cartas de várias espécies e para várias personagens, lá se vai o rapaz para a França, numa ridícula bolsa de estudos que, apesar disso, era o máximo que se podia conseguir no momento.

E depois de quatro anos vou encontrá-lo em Paris, transformado em mestre-gravador, com um nome respeitado nos círculos artísticos da capital do mundo. Fui morar vizinho

a êle — em que outro lugar poderia eu ir morar senão naquele Quartier Latin, perto da rua Monsieur Le Prince, ouvindo o sino da Sorbonne e acordando à noite com as serenatas de estudantes? Na noite da chegada estava frio — mas ainda assim ficamos até às quatro da manhã, num velho café nosso conhecido, a erguer saudações à França éternelle, a levantar brindes a Monsieur Hugo, a fazer louvações ao Corgo — pobre Sena, jamais tiveste um apelido tão desmoralizante! — e sobretudo a recordar o Crato, as suas feiras, as festinhas de carnaval, os banhos da Batateira, o Padre Pita, as casas de beira e bica que para nós eram como palácios. . .

Foi então que tomei conhecimento exato da arte de Sérvulo Esmeraldo. Vi os seus quadros, conheci sua técnica, com êle assisti à impressão de gravuras na velha imprimerie das proximidades do Panteon, interessei-me pelas experiências que não se cansava de fazer. E foi então também que me certifiquei que o menino danado do Crato agora era que estava danado mesmo — expondo nas principais galerias da Europa, convidado — convidado! — para apresentar gravuras no mais célebre salão de Paris, o Salão de Maio, apresentado na galeria de gravuras mais importante, da Europa, a La Hune, recebido pela crítica como um dos artistas mais expressivos de sua geração. Foi aí que vi as suas têmperas notáveis, de uma penetração que só os artistas realizados são capazes de possuir — e êle apesar disso ainda não se conformava, porque o seu temperamento é de natural inconformado.

Da têmpera passou para os afrêscos — na têmpera o artista é obrigado a ficar na superfície plana da tela, e sua liberdade de um certo modo

se limita, como aconteceu com os mestres flamengos. Ora, menino danado do Cariri não quer saber de limites — daí passar êle para os afrescos, onde o gravador se encontra com o pintor, o que nos parece ser o melhor caminho para Sérvulo Esmeraldo. Foi em 1960 que fêz os seus primeiros ensaios nesse novo setor da arte — e de lá para cá as peças que produziu já estão andando no mundo, louvadas pelos conhecedores, bem recebidas pelos críticos, já agora disputadas pelas galerias, que vêem no artista brasileiro um dos iniciadores de uma nova técnica de afrescos na França. Esse o Sérvulo Esmeraldo, que o Museu de Arte da Universidade do Ceará está apresentando, em uma amostra significativa pois é a primeira que faz no Brasil depois de longos anos de ausência e sobretudo depois que está utilizando nova técnica na secular, mas ainda assim difficílissima arte do afresco. Creio que as peças que são apresentadas nesta exposição dão bem uma idéia do valor do artista cearense que hoje é artista internacional. Seus desenhos, suas gravuras, seus afrescos, tudo isso resulta de uma insatisfação que não tem limites. E é graças a essa insatisfação que tenho a certeza de que Sérvulo Esmeraldo continuará a ser um artista sempre em ascensão — para alegria das artes plásticas do Brasil e sobretudo para alegria dos seus amigos, cratenses ou não, que com êle compartilhem os sucessos obtidos, tornando comuns a todos as suas vitórias, que são vitórias de alguém que trabalha conscientemente para realizar, também conscientemente, os sonhos de uma mocidade que os anos jamais apagarão.

FRAN MARTINS



S  
-  
2  
S  
-  
2  
0  
S  
0  
S  
-  
4  
-  
4  
-  
3  
S  
4  
-  
1







SÉRVULO ESMERALDO  
NASCIDO NO CRATO  
CEARÁ EM 1929  
AUTODIDATA



EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

- 1950 SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA DO CRATO CEARÁ
- 1956 CLUBE DOS ARTISTAS S. PAULO
- 1957 MUSEU DE ARTE MODERNA DE S. PAULO
- 1957 UNIVERSIDADE DO CEARÁ FORTALEZA
- 1959 GALERIA LEMAC RECIFE
- 1960 UNIVERSIDADE DO CEARÁ FORTALEZA
- 1961 GALERIA MAURICE BRIDEL LAUSANNE
- 1961 GALERIE LE FANAL PARIS
- 1961 GALERIE LA HUNE PARIS

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES DE GRUPO:

- 1950 VI SALÃO DE ABRIL FORTALEZA
- 1954 SALÃO DE ARTE MODERNA DA BAHIA SALVADOR
- 1955 SALÃO DOS INDEPENDENTES FORTALEZA
- 1956 SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA S. PAULO
- 1956 EXPOSIÇÃO DO RETRATO BRASILEIRO S. PAULO
- 1957 SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA S. PAULO
- 1959 XXX SALÃO "LE TRAIT" PARIS
- 1959 V BIENAL DE S. PAULO
- 1959 EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS

OPERA SÔBRE TELA;

ERA SÔBRE CARTÃO;  
ON SUR LIGNON 1960

SÔBRE CARTÃO;

ERA SÔBRE CARTÃO;

DU MATIN (TÊMPERA  
cm.) PARIS 1961

SÔBRE CARTÃO;

(TÊMPERA SÔBRE CAR-  
1960

(TÊMPERA SÔBRE CAR-  
1960

DU MATIN (TÊMPERA  
m.) PARIS 1961

ERA SÔBRE CARTÃO;  
SUR LIGNON 1960

ERA SÔBRE CARTÃO;  
I

SÔBRE CARTÃO;

BRE CARTÃO;  
60

) SÔBRE COMPENSADO;

AFRESCO SÔBRE COM-  
PARIS 1961

SÔBRE COMPENSADO;

ESCO SÔBRE COMPEN-  
IS 1961

- BRASILEIROS MUNIQUE  
HAMBURGO VIENA  
MILÃO
- 1960 EXPOSIÇÃO DE ARTISTAS  
BRASILEIROS LISBOA  
PARIS
- 1960 XXXI SALÃO "LE TRAIT"  
MUSEU DE ARTE MODER-  
NA PARIS
- 1960 LA JEUNE GRAVURE  
ROUEN
- 1960 EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS  
BRASILEIRAS SMITHSON-  
IAN INSTITUTION U S A
- 1960 EXPOSIÇÃO "GRAVURA  
BRASILEIRA" TEL-AVIV
- 1961 SALÃO DE MAIO MUSEU  
DE ARTE MODERNA PARIS
- 1961 EXPOSIÇÃO "A GRAVURA  
BRASILEIRA" HAYA  
AMSTERDAM BRUXELAS  
GAND BRUGES
- 1961 VI BIENAL DE S. PAULO
- 1961 EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS  
BRASILEIRAS BUENOS  
AIRES
- 1962 EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS  
BRASILEIRAS GALERIA  
VALERIE SCHMIDT PARIS
- 1962 XXXIII EXPOSIÇÃO "LE  
TRAIT" MUSEU DE ARTE  
MODERNA PARIS

#### PRÊMIOS

- 1950 MENÇÃO HONROSA  
SALÃO DE ABRIL  
FORTALEZA
- 1951 MENÇÃO HONROSA  
SALÃO DE ABRIL  
FORTALEZA
- 1956 PRÊMIO DE AQUISIÇÃO  
SALÃO PAULISTA DE ARTE  
MODERNA S. PAULO
- 1957 PRÊMIO DE AQUISIÇÃO  
SALÃO PAULISTA DE ARTE

MODERNA S. PAULO  
1957 MEDALHA DE BRONZE  
SALÃO PAULISTA DE ARTE  
MODERNA S. PAULO

SUAS OBRAS FIGURAM NAS  
SEGUINTE COLEÇÕES:

PINACOTECA PÚBLICA DO  
ESTADO DE S. PAULO  
MUSEU DE ARTE MODERNA DE  
S. PAULO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE S.  
PAULO  
MUSEU DE ARTE DA UNIVERSI-  
DADE DO CEARÁ FORTALEZA  
GABINETE DE ESTAMPAS  
BIBLIOTECA NACIONAL  
DE PARIS  
MUSEU MUNICIPAL DE HAYA  
E COLEÇÕES PARTICULARES

ENDº 51 RUE MONSIEUR - LE -  
- PRINCE PARIS, VI FRANCE

OPERA SÔBRE TELA;

ERA SÔBRE CARTÃO;  
ON SUR LIGNON 1960

SÔBRE CARTÃO;

ERA SÔBRE CARTÃO;

DU MATIN (TÊMPERA  
cm.) PARIS 1961

SÔBRE CARTÃO;

(TÊMPERA SÔBRE CAR-  
1960

(TÊMPERA SÔBRE CAR-  
1960

DU MATIN (TÊMPERA  
m.) PARIS 1961

ERA SÔBRE CARTÃO;  
SUR LIGNON 1960

ERA SÔBRE CARTÃO;  
1

SÔBRE CARTÃO;

BRE CARTÃO;  
1960

SÔBRE COMPENSADO;

AFRESCO SÔBRE COM-  
PARIS 1961

SÔBRE COMPENSADO;

ESCO SÔBRE COMPEN-  
IS 1961





- 1 14 DE JULHO (TÊMPERA SÔBRE TELA;  
19x24cm.) PARIS 1960
- 2 AS NUVENS (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
31x51cm.) LE CHAMBON SUR LIGNON 1960
- 3 GRÁFICA (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
34x51cm.) PARIS 1961
- 4 O OUTONO (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
27x44cm.) PARIS 1961
- 5 MARDI NEUF HEURES DU MATIN (TÊMPERA  
SÔBRE CARTÃO; 30x47cm.) PARIS 1961
- 6 NOTURNO (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
28x46cm.) PARIS 1961
- 7 DA SÉRIE CAATINGA (TÊMPERA SÔBRE CAR-  
TÃO; 19x30cm.) PARIS 1960
- 8 DA SÉRIE CAATINGA (TÊMPERA SÔBRE CAR-  
TÃO; 23x31cm.) PARIS 1960
- 9 MARDI ONZE HEURES DU MATIN (TÊMPERA  
SÔBRE TELA; 22,5x32cm.) PARIS 1961
- 10 A FAZENDA (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
14x22cm.) CHAMBON SUR LIGNON 1960
- 11 A FLORESTA (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
10,5x12cm.) PARIS 1961
- 12 JUREMA (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
14x25cm.) PARIS 1961
- 13 CORTE (TÊMPERA SÔBRE CARTÃO;  
11,5x27,5cm.) PARIS 1960
- 14 BARRANCO (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO;  
38x57cm.) PARIS 1961
- 15 PEDRA VERMELHA (AFRESCO SÔBRE COM-  
PENSADO; 16x27cm.) PARIS 1961
- 16 COLHEITA (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO;  
16x27cm.) PARIS 1961
- 17 VALENCIENNES (AFRESCO SÔBRE COMPEN-  
SADO; 16x28cm.) PARIS 1961

- 18 O ENCONTRO (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 22x47cm.) PARIS 1961
- 19 INCRUSTAÇÃO (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 16x28cm.) PARIS 1961
- 20 TRANSPARÊNCIA (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 21x46,5cm.) PARIS 1961
- 21 PEDRA E FOGO (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 27x37cm.) PARIS 1961
- 22 IMPRESSÃO (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 0,6x0,10cm.) PARIS 1961.
- 23 PEDRA VERDE (AFRESCO SÔBRE COMPENSADO; 0,6x0,10cm.) PARIS 1961
- 24 FLORESTA DE CORAL (FOLHA DE COBRE E LACRE SÔBRE MADEIRA; 14x23cm) PARIS 1961



IMPrensa UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ